



por Raul Pilati

raul.pilati@correioweb.com.br

Segredo não há

O crescimento forte da economia virou tema de debate nacional. O pessoal mais exaltado do PT chegou até a pedir a fixação de uma meta de expansão a partir de 2007 e deixar como alvo secundário uma inflação baixinha. Até o próprio presidente Lula chegou a escorregar na previsão de que vamos crescer 5% ao ano. Depois, amenizou o discurso e fugiu de fixar um número. Sábio recuo.

O pito geral que passou na equipe serviu para reduzir a ansiedade que se generalizava e abria oportunidades para escorregões que podem custar caro ao próprio governo, do tipo fim da "preocupação neurótica com inflação", preferida pelo ministro Tarso Genro.

Amanhã ou depois, o presidente recebe, oficialmente, as propostas em gestação na equipe econômica, basicamente no Ministério da Fazenda. Na prática, tem conversado muito com gente do governo e do setor privado em busca de idéias para transformar o Brasil em um país realmente emergente e tirá-lo da rabeira do crescimento mundial. A expansão econômica no primeiro mandato deve ficar entre 2,6% e 2,7% ao ano. Quer dizer, o sonho de crescer a 5% implica quase dobrar a velocidade atual. Com as repercussões de preocupação no mercado financeiro, Lula reforçou o discurso de que vai correr mais sem fazer barbearagem, ou seja, abrir mão do controle dos gastos ou deixar a inflação escapar.

Como fazer

Mas afinal, de onde vem o tal crescimento econômico? É só decidir nos gabinetes de Brasília que o restante do país acompanha? Fácil seria. Os economistas consideram a expansão como resultado dos investimentos, ou seja, a soma do que aplicam empresas e governo na expansão da infraestrutura, dos negócios etc. Os recursos alimentam a atividade econômica e produzem mais riqueza que, distribuída, estimulam novos investimentos.

Existe até uma conta que explica quanto o país precisa investir para chegar aos 5%: pelo menos o equivalente a 25% do Produto Interno Bruto (PIB), a soma das riquezas produzidas pelo país. Em números redondos, seriam R\$ 500 bilhões. Para comparar, a China cresce ao ritmo de 10% a 11% ao ano e, para isso, tem uma taxa de investimento na faixa de 40% do PIB — não é para qualquer um.

Há formas de estimular o investimento e prover o país de um crescimento significativo. E está nas mãos de Lula decidir por seguir esse caminho. Mas, até agora, seu primeiro mandato mostrou incapacidade para tanto: estimular e facilitar os investimentos privados. O governo tem baixa capacidade de investir. Os dados do Tesouro Nacional mostram: a média foi de R\$ 12,3 bilhões entre 2003 e 2005. Foi menos de

1% do PIB, bem pouco para contribuir com os 25% necessários. Entre janeiro e setembro deste ano, foram apenas R\$ 2,6 bilhões.

A SOLUÇÃO PARA CRESCER MAIS CONTINUA NAS DECISÕES SOBRE INVESTIMENTOS DO GOVERNO E DAS EMPRESAS, E SÓ VÃO ACONTECER SE O AMBIENTE FOR FAVORÁVEL

Saída pelo privado

Fato é que não há dinheiro disponível no caixa governamental para investir. As obras públicas de infra-estrutura são importantes porque viabilizam mais investimentos privados. Uma opção seria cortar outras despesas e abrir espaço para aumentar os gastos produtivos do governo. Mas Lula e

o ministro Guido Mantega não vêem espaço para um movimento significativo nessa direção.

Portanto, só há saída pelas empresas. O governo esgrima os números de investimentos das estatais, principalmente da Petrobras, para reforçar a idéia que, no conjunto, o governo vem investindo muito. Realmente, os números da Petrobras são impressionantes. Aplicou R\$ 22,4 bilhões entre janeiro e setembro últimos, aumento de 34% sobre o ano anterior. Mas, é uma exceção e, sozinha, a petroleira é incapaz de reverter o quadro.

A redução de tributos, caminho seguido pelo governo para incentivar os investimentos, é apenas parte do caminho. O Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) sobre bens de capital (máquinas e equipamentos), produtos que as indústrias comprem quando estão investindo, vem sendo reduzido com firmeza por Mantega. Mas não resolve o ambiente.

Dependência

O Brasil depende muito, para crescer, do dinheiro privado nacional e internacional. É o combustível fundamental para chegarmos aos 5%, ou mesmo os 3% deste ano ou os prováveis 3,5% no próximo ano, segundo os analistas. O governo tem a chance estimular os empresários e investidores a aplicarem os recursos aqui. Mas, para isso, precisa construir um cenário atrativo que inclui uma série de variáveis que depende, basicamente, dele mesmo.

Os investidores querem mais do que equilíbrio fiscal e controle da inflação. Querem confiança nas instituições e regras estáveis que permitam lucro. O trabalho para desacreditar as agências reguladoras realizado durante todo o primeiro mandato é o oposto do que precisa ser feito. No fundo, o governo petista nunca gostou do modelo das agências, ameaçou mudá-lo no Congresso, não conseguiu e deixou o assunto para lá. Como discorda do sistema, é capaz de deixar agências meses a fio com o quadro de diretores incompleto, tornando inviável a tomada de decisões. A Anatel, por exemplo, hoje só pode decidir por unanimidade.

Essa condução conturbada causa insegurança aos investidores. Inseguros, a disposição de apostar no país é menor. Investindo menos, o Brasil cresce menos, outros emergentes avançam mais rápido e se tornam, ao contrário, cada vez mais atrativos.